

## ENCONTROS em Lisboa

## Prémio S. Francisco e Clara de Assis

**O** «Centro Franciscano Internacional de Estudos para o Diálogo entre os Povos», com sede em Massa (Carara), decidiu atribuir às Casas do Gaiato um dos três prémios «S. Francisco e Clara de Assis», pela sua acção em prol das crianças e dos jovens. Dos outros dois, um foi para o Japão, para o fundador de um movimento budista pelo seu empenho nos campos da educação e da comunicação; e o outro para um monge vietnamita pela sua acção em prol dos refugiados de todo o mundo.

Depois de Mons. Arnaldo Pinto Cardoso, Conselheiro Eclesiástico da Embaixada de Portugal junto da Santa Sé, ter falado sobre a Obra da Rua e as Casas do Gaiato, o Reitor da igreja de Santo António dos Portugueses, Padre Agostinho Borges, recebeu entre aplausos da assistência o referido prémio que constava de uma grande medalha em bronze com o símbolo do Centro Franciscano, devidamente emoldurado.

Representava a Embaixada junto do Quirinal o Conselheiro Cultural, Dr. Jaime Raposo Costa. Estava também presente o Cônsul de Portugal em Nápoles, Dr.º Cusatti.

No final da sessão, foi feita uma visita a uma Exposição numa das grandes salas do Palácio Ducal, especialmente dedicada a Santo António e à acção dos portugueses no mundo, a cuja inauguração estivera presente o Embaixador de Portugal junto da Santa Sé, Doutor António Pinto da França.

Continua na página 4

# Gostaria de cantar um hino à vida

**N**UM fim de tarde, à conversa com umas visitas amigas, chegaram das aulas os do oitavo ano. É um grupo de seis. Feitos os cumprimentos e costas já voltadas, uma pessoa do grupo dos visitantes exclamou: — *Que belos rapazes o senhor aqui tem!*

Acolhi o elogio no coração e apenas respondi: — Todos os rapazes das Casas do Gaiato são belos.

Depois veio o silêncio e o tempo de olhar a beleza, não apenas pelo lado exterior das coisas, mas pelo seu lado íntimo. Foi uma peregrinação pelo passado da minha vida e da vida de cada um deles,

uma visita às origens do nosso estarmos juntos: Quanta alegria, quanta dúvida, quanto sofrimento em noites de diálogo com o Senhor que me convocou para estar aqui!

Neste momento em que se abriu o diálogo sobre o aborto, olho para todos estes que o Senhor me confiou e gostaria de cantar um hino à vida. Com efeito, se formos ouvindo as vozes das causas económicas, sociais e culturais que levam ao aborto quase deveria dizer que nenhum dos meus deveria viver. No entanto, vivem e, embora os inícios tenham sido difíceis, a grande maioria torna-se confiante na vida...

Foi necessária uma resposta profética que não nasceu da carne, mas se aproxima do Deus que nos torna Seus filhos adoptivos. E é isto: homens e mulheres que se tornam família dos sem-família para que o desenvolvimento destes possa prosseguir, talvez não com todas as condições, mas com o mínimo necessário. É a vida que chama o dom da vida.

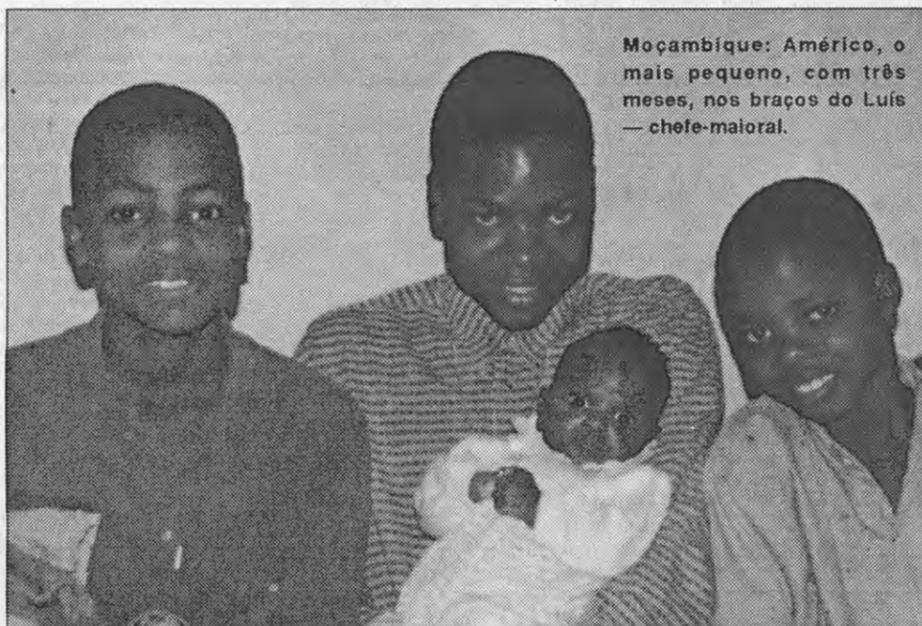
As vezes, ouço nos debates um certo grito de defesa da vida... Este grito tem que ser operacionalizado, isto é, vivido, caso contrário será uma abstracção. Como nós estamos longe de poder fazer o desafio que Madre Teresa fez ao pedir às mães que iam abortar que lhe dessem os filhos.

**«Se não fossem estas Casas que seria do meu filho?!»**

Ao olhar os meus miúdos, sinto, em muitos momentos, a infelicidade de mães que não os têm junto delas, vendo-os crescer, dando alegria e fazendo sofrer. Mas acontece-me também ver a alegria de mães que, com os filhos em nossa Casa, deixam que o coração se abra numa palavra de agradecimento: — *Se não fossem estas Casas, que seria do meu filho?!*

Temos muito caminho a andar a favor da vida até ao dia em que uma mulher, tentada pelo aborto, possa confiadamente manter aquele que nela foi gerado porque sabe que será apoiada, auxiliada e seu filho terá condições para viver e ser acolhido...

Padre Manuel Cristóvão



Moçambique: Américo, o mais pequeno, com três meses, nos braços do Luís — chefe-maioral.

## CALVÁRIO

# Bater com a testa na padieira da porta dos Pobres

**A** O apelo dos Pobres não costumo furtar-me.

Chamaram-me e fui ver.

Neste Outono prazenteiro é agradável viajar pelos caminhos rurais e observar os matizes da Natureza. Uma delícia para a vista e um tónico benéfico para o espírito.

A casita que procuro esconde-se por detrás duma ramada amarelecida, já sem uvas.

Bato à porta do quintal e uma velhinha enrugada e amargurada pela vida, que a gemidos profundos acrescenta muitos ais, vem abrir.

Ela já sabe que venho para ver a filha doente. — *Olhe, está ali no chão. Desculpe o desarranjo.*

Gesticulando incessantemente, a rapariga está acocorada numa enxerga molhada, suja, rodeada de farrapos. O rosto esquelético é de

tristeza. O olhar vago parece não ver quem entrou.

— *Sabe, eu já não posso.*

De facto, a pobre anciã está mais enfraquecida e desnordeada que a própria filha. Vivem sós as duas, num desalinho total, sem poderem valer-se uma à outra.

Com a promessa de, em breve, vir buscar a filha para o Calvário, dirijo-me para a saída da casita. E, inavertidamente, bato com a testa na padieira da porta.

— *Ai, meu senhor, que se aleijou!* — ouço atrás de mim.

Levo a mão à testa para a comprimir e anestesiar.

— *O senhor é alto.*

— Não é bem assim, respondo. A porta é que é baixa e estreita. Isto passa.

Pelo caminho, de regresso, ponho-me a pensar na porta estreita e baixa.

Aquela Pobre, por certo, nunca teve dificuldade em passar a porta da sua casa. Para a transpor, quem é alto tem de se baixar e eu não me baixei.

Cristo quando, um dia, nos disse que a Porta do Seu Reino é estreita, estava certamente a ver uma como esta.

Os que são pequenos e humildes vão passar a Porta do Reino com facilidade. Os que crescem demais e vivem empertigados e altivos, vão bater com a testa porque a Porta do Reino de Deus é estreita. Com esta afirmação Cristo queria dizer-nos que a dimensão exacta de quem pretende entrar no Seu Reino tem de ser conforme aos recados do Evangelho: — Pobre de espírito, pesaroso com as suas faltas, misericordioso com os outros, faminto de justiça e santidade, puro de coração, amante da paz, perseguido e maltratado por ser Seu discípulo.

Mas o nosso tempo aponta para outras dimensões do Homem, precisamente opostas àquelas. O nosso tempo impõe ao Homem outros padrões de vida. Mas, seguindo-os, alimentando-se deles, o Homem torna-se *alto* em demasia e *corpulento* em excesso para poder passar aquela porta estreita.

A medida exemplar que Cristo nos dá para o nosso viver cristão, a mais fácil de entender, é a da criança. «*Se não vos tornardes como crianças não podeis entrar no Reino de Deus.*»

A criança é pequena, passa por todos os buracos sem qualquer incómodo.

A gente tem de se reduzir, pois, à simplicidade da criança para não termos dificuldade em entrar no Reino de Deus.

Talvez seja preciso bater com a testa na padieira da porta dos Pobres, para compreendermos que só tornando-nos pequenos, como eles, entraremos ligeiros na Casa do Pai Celeste.

— *Ai, meu senhor, que se aleijou!*

Antes agora que depois, tia Rosa.

Padre Baptista

## Conferência de Paço de Sousa

**DOENTES** — A pobre avó, qual mãe duas vezes, por grave doença da filha e outras do genro, é praticamente só ela quem toma conta dos netos, da vida de casa.

As crianças andam limpas, pois não escusa os laços de sangue. Dá-lhes o que pode, quanto pode. É pensionista da Segurança Social... E o mais importante: o amor d'avó. Nós tapamos grandes «buracos» — com a generosidade dos Leitores.

Um vicentino acompanha o caso. Sugere o necessário para alívio e promoção social do agregado. Obviamente, a visita domiciliária não é diálogo de surdos, mas encontro fraterno. Motivando desabafos que diagnosticavam uma queda livre no submundo da Miséria, que evitamos na medida do possível.

Esta nossa condição de recoletores dos Pobres força-nos a revelar tristezas, nem sempre alegrias... no decorrer do tempo. São *queixas* de quem precisa, num mundo em que as assimetrias são cada vez maiores!

Os técnicos pronunciam-se, agora, sobre o empolamento da tuberculose, por de gradantes condições sociais, pelo desemprego, pela Miséria. Problema de grande actualidade que interessa aos responsáveis do País, em todas as vertentes. Pois eles, os técnicos, já chegaram à conclusão de que *«se detectam cada vez mais indícios de que a tuberculose, em Portugal, volta a alastrar e se justifica plenamente a realização de um trabalho preventivo»*.

**PARTILHA** — Assinante 57002, da Senhora da Hora: *«Envio este cheque para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. É o meu pequeno contributo do mês de Outubro para distribuírem como melhor entenderem. Infelizmente é bem pouco para tanta necessidade, mas dado com muito carinho pelos mais carenciados»*.

Mais cinco mil, da assinante 20617, de Lisboa, *«para ajudarmos aquela Pobre que foi cozinheira e hoje passa necessidades»*. Como outros, leva tão Alto o seu amor por quem precisa, que agradece: *«Muito obrigada»*. Retribuímos.

Outros cinco, que velha amiga deixa em nossas mãos, na visita habitual. Dez vezes mais, do assinante 36082, do Porto, recomendando *«uma oração por minha intenção»*. Cumprimos.

Assinante 14493, do Porto: *«Enquanto puder, enviarei, da minha parte, a pequena ajuda que será dividida pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, mensal e costumada, agora referente ao mês de Outubro»*.

Mais *«uma pequena ajuda para tanto sofrimento»*, da assinante 35016, de Póvoa de Varzim. E mais três mil, de Setúbal, pela mão de Pompília *«para os que mais sofrem, sem medicamentos — e caros como estão»*.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**ANIVERSÁRIO DE PAI AMÉRICO** — No dia 23 de Outubro o nosso Padre Carlos celebrou Missa em honra de Pai Américo. A nossa maneira

# Pelas CASAS DO GAIATO

mais rica de o lembrar e agradecer tudo o que fez, e continua a fazer, por nós.

Neste dia recebemos a habitual visita dum família que nos traz o bolo de aniversário.

«Vitinho»

**MUDANÇA DE TRABALHOS** — Foram já na segunda-feira, 21 de Outubro. Correu normalmente. Uns contentes; outros, menos contentes com as suas novas obrigações. Mas, acima de tudo, o que importa é aprender, se possível, um bocadinho de cada coisa.

**GAIATOS DO TOJAL** — Continuam a visitar-nos. No domingo passado veio mais um grupo. Esperamos que se sintam em sua casa, quando cá vêm, pois a nossa intenção é essa, para com eles e para todos os que nos visitam.

**DESPORTO** — Ofereceram chuteiras que farão muito jeito. Ainda não foram distribuídas. Esperamos a vinda das que faltam para, depois, sim, as distribuímos por todos os atletas.

São novas, são bonitas devido à sua cor: amarelas, vermelhas, pretas... Agradecemos a oferta.

Adão («Coiot»)»

## BENGUELA

**GRUPO DOS SACHOS** — É o daqueles que andam a trabalhar no campo, na plantação do bom capim para as vacas leiteiras. Graças a Deus, já estão a dar parte do leite que consumimos. Que delícia!...

## RETALHOS DE VIDA

### «Truta»

O meu nome é Nuno Filipe Gonçalves dos Santos. Nasci na freguesia da Sé Nova, a 11 de Dezembro de 1983, em Coimbra, cidade dos doutores, onde Pai Américo começou a Obra da Rua.

Por causa da forma como vivíamos, uma assistente social levou-me para a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, a primeira Casa do Gaiato.

Porque eu fugia dali mais facilmente para a minha família, vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa já com dez anos, onde estou com o meu irmão Rui, conhecido por «Martelo». A mim, os colegas puseram-me, por alcunha, o nome de «Truta».

Gosto de estar na Casa do Gaiato. Tenho aqui muitos amigos. Freqüento o 5.º ano de escolaridade e, fora das horas de estudo, a minha ocupação é na carpintaria.

Nuno Filipe («Truta»)



Nuno Filipe («Truta»)

Agostinho Graciano

## Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

**ASSEMBLEIA GERAL** — Nos termos dos estatutos, convocamos todos os associados a reunir-se no dia 16 de Novembro, pelas 14 horas, na rua D. João IV, 682 — Porto, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Discussão e votação do relatório e contas;

Agostinho Graciano

- 2 — Eleição dos órgãos da Associação para o biénio 1996/97;
- 3 — Assuntos de interesse para a Associação.

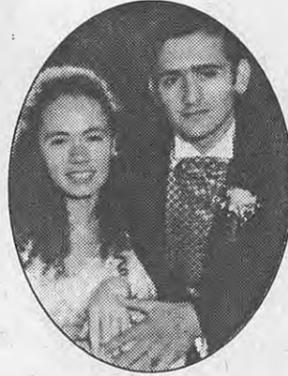
O Presid. Assembleia Geral,  
José Lemos

## TOJAL

**CASAMENTO** — Em 13 de Outubro, a nossa Casa do Gaiato de Lisboa viveu um dia de muita alegria: o Ângelo deu a conhecer, a todos nós, a maneira correcta de um filho deixar a sua casa.

E, para quem viveu 11 dos seus 23 anos nesta Casa, julgo, como devem julgar todos aqueles que acompanharam o crescimento do Ângelo, ter sido um prémio bastante merecido.

Mas, que terá feito ele para merecer tanto elogio? Para que não sofriam mais, vou então dizer o que realmente aconteceu em 13 de Outubro: Foi o dia que ele escolheu para fazer o laço matrimonial com a sua querida esposa Ângela Maia.



São dias como este que elevam o nome da Obra da Rua e a moral de todas as pessoas que diariamente, durante 24 horas, se sacrificam para que os rapazes como o Ângelo, que não encontraram no seio da sua família alguém que lhes indicasse o melhor caminho a seguir, não se vissem privados de construir a sua família.

Um acontecimento positivo para a nossa Casa. Principalmente para os mais pequenos, que assim viram nele um exemplo a seguir.

E para quem, como eu, o acompanhou desde a sua infância, é satisfação redobrada porque foi um rapaz que soube sempre aquilo que queria, muito bem organizado.

Para além de ser uma vitória muito merecida do Ângelo, julgo também que neste momento se devem incluir os 139 rapazes, pois, durante 11 anos que ele aqui permaneceu, eles representaram sempre a sua família.

Neste momento, a Obra da Rua encontra-se em festa. Pois é sempre gratificante ver um rapaz sair da forma como ele saía.

Reparem no que ele disse, no refeitório, depois da cerimónia — em forma de despedida:

«Que os mais novos sejam humildes e acolham sempre os conselhos e os bons exemplos dos mais velhos.»

Para mim, foi um momento único, e julgo que os nossos leitores sentem o mesmo. Nestes momentos se vê o real valor de um gaiato.

À Ângela dou os meus parabéns. Tem a seu lado um verdadeiro Homem!

Desejo as maiores felicidades do mundo ao Ângelo e à Ângela.

Eduardo M. Graça Seixas

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** —

Data importante para nós. Mais um 23 de Outubro se passou, data em que, se Pai Américo estivesse no nosso meio, faria 109 anos de idade. Mas se não está em corpo, temos a certeza que está em Espírito. E sabemos que ele intercede por nós junto do Pai do Céu para que à Conferência nunca falte o necessário, para que possamos continuar a calçar as pedras da calçada que ele tanto pisou.

Sabemos que todas as Escolas podem dar nome a um Patrono. Não seria justo que a Câmara de Penafiel fizesse justiça e pusesse o nome de Pai Américo à Escola C+S de Paço de Sousa? Fica a lembrança. Já que ele é filho da terra.

**Os nossos Pobres** — Em tempos, trouxemos a estas colunas, a complicação reinante na casa daquele casal de idosos que visitamos. Dissemos que a filha do casal o tinha abandonado e tinha ido viver com o parceiro dela e dois

filhos mais novos para uma pensão.

Nesta altura a casa ficou aliviada, passando a haver espaço para os filhos mais velhos, ficando mesmo assim o casal a dormir na sala de jantar. Mas já dava para as raparigas terem o seu quarto e o rapaz ficar também no dele. Se por um lado foi bom, por outro foi mau porque o rapaz passou a meter no quarto os colegas, cujo comportamento era duvidoso. Como resultado de tudo isto, o rapaz não voltou para a Escola. Agora anda a trabalhar de troilha. Temos medo que seja mais um jovem perdido. As raparigas, a mais nova também abandonou os estudos. Estamos com medo dela, pois trata-se de uma criança de 13 anos de idade, tentada pelas donas das tascas que há naquela zona.

Nós sofremos por nos sentirmos impotentes perante tal situação. Pai Américo tinha razão quando escrevia n'O Barredo: *«O Vicentino é um sofredor, tem de ser um sofredor!»* E quanto sofremos... Mais adiante, continua: *«Portanto, o Vicentino, quase sempre pobre de recursos e de influência, está destinado a sofrer os males que vê e não tem com que curar»*. Tão certas, neste momento, estas linhas que Pai Américo deixou, e tão parca de recursos está a nossa Conferência!

A avó da criança já foi à tassa ameaçar com a polícia. Mas nada conseguiu. E tanto se fala no trabalho de menores! Há dias, quando os visitamos, estava com eles uma Criadita dos Pobres. Era tamanha confusão, que ninguém se entendia.

Enfim, resta-nos rezar. Rezar a Pai Américo para que, junto do Pai do Céu, interceda por eles.

Rezar, também, para que os nossos amigos nunca nos abandonem.

É certo que a parte moral nos faz muita falta, mas também não nos podemos esquecer que é importante a material.

Ultimamente temos recebido alguns pedidos de socorro. Uns para medicamentos, outros para livros, mas não nos tem sido possível atender. Pai Américo também teve as suas dificuldades, e que dificuldades... E Ele deu-o a entender quando escreveu: *«Senhor do Céu, que eu caminhe sempre por vias ásperas e de alma alanceada pela sorte dos meus irmãos»*.

**Saibamos repartir o pão** — «Com muito amor», 2.000\$00 de J. R. D. Um vale de 10.000\$00, de M. M. Muito obrigado

Conferência S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000 PORTO.

Olga e Valdemar

## Jubileu de 50 anos na Obra da Rua

No dia 12 de Novembro de 1946, à tarde, pela mão de minha avó, fui entregue à senhora D. Custódia, a senhora que, então, era a mãe adoptiva dos gaiatos, em Miranda do Corvo.

Tinha sete anos e meus pais haviam falecido, ambos, no espaço de 20 dias, quando eu contava apenas dois anos de idade.

Aqui, na Casa do Gaiato, encontrei a minha família de adopção, tendo, por pai, Pai Américo, que logo passei a considerar como tal. Sobre aquela tarde de Outono passaram já 50 anos.

Aqui fiz a minha primeira aprendizagem escolar. Mais tarde, mudei para o Lar de Coimbra, para trabalhar, e só depois, pela mão e conselho do nosso Padre Horácio, me decidi a prosseguir os estudos, com o objectivo de vir a ser professor

dos meus irmãos gaiatos, animado pelo ideal de Pai Américo: *«...a tendência da Obra é que sejam os rapazes os seus próprios continuadores»*. Hoje, sou licenciado em História, desde há cerca de vinte anos, mas continuo a ser professor do 1.º Ciclo e a ensinar os meus irmãos.

Fui chefe dos «Batatas», do Lar de Coimbra, chefe-maioral em Miranda do Corvo; em períodos de férias, vendedor d'O GAIATO até perto dos 20 anos, percorrendo quase todas as «praças» — vilas e cidades do centro do País. Encartado muito cedo, fui motorista da Casa e, como tal, prestei os serviços o melhor que fui capaz. Cumpri o serviço militar durante 39 meses, único tempo em que, fisicamente, estive ausente.

# SETÚBAL

## Fugas

**E**RA uma manhã morna deste Outubro quente. Os domingos são dias totalmente diferentes dos outros. A descontração apodera-se do espírito dos rapazes e quase todos fazem o que lhes apetece. Depois da Missa, às 9.30, e do pequeno-almoço a seguir, as iniciativas de recreio multiplicam-se ao gosto e à criatividade de cada qual.

É um dia bom para fugir. Ninguém vigia ninguém e a sineta só toca para as refeições.

Antes do almoço já a notícia havia chegado aos ouvidos de toda a gente: — *O «Palhaço» e o «Fugitivo» abalaram.*

Foi o aperitivo da minha refeição. Os rapazes mais velhos, também meus comensais, vão-me relatando os pormenores da fuga que ouviram dos mais pequenos e partilham igualmente a angústia que estes acontecimentos necessariamente acarretam.

Os miúdos contam conforme viram ou imaginaram os preparativos efectuados pelos foragidos e muitos queixaram-se dos roubos com que eles os atingiram. Os ténis, a roupa interior, os kispas, material de higiene, carteiras, dinheiro — tudo desapareceu do seu lugar e do seu dono.

Uns lamentaram, outros acusaram, outros doem-se, mas todos protestaram: — *Nunca mais têm juízo!*...

Uma fuga em nossa Casa é sempre uma ocorrência universalmente dolorosa. Toca a todos. Todos sofrem.

Por mais estranho que pareça é um acontecimento necessário. Alguns rapazes fogem por necessidade.

Os sábios e os investigadores que nos venham revelar as forças impulsionadoras deste movimento. Nós não sabemos. Constatamos o facto. Julgamos que as fontes destas necessidades estão no desequilíbrio da sua geração, nascimento e primeiros anos.

## Doenças da alma

Estes irreprimíveis furores são «doenças da alma» dizia, no seu tempo, o Padre Américo. Hoje falamos de carências afectivas, vinganças da natureza, desequilíbrios do foro psíquico, etc.

É mau impedir semelhantes tensões. Por isso a Casa do Gaiato é uma porta aberta. Daqui é sempre fácil fugir.

A história humana de cada um dos adoráveis foragidos é de arrepiar. Se os homens que têm nas mãos o poder e as leis fossem alguma vez abertos à realidade destas histórias, muitas situações mudariam na vida social. Mas... Quem se abre, meu Deus? Quem sofre? Quem se amargura?

O «Fugitivo» tem esta alcunha por se ter ausentado muitas vezes. Foi admitido em Paço de Sousa e de lá se evadiu em tantas ocasiões que os Padres daquela Casa pediram o seu acolhimento em Miranda do Corvo.

Às vezes, uma transferência é remédio. Com este adolescente, não.

As fugas repetem-se tanto que, na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo as esperanças do sacerdote que a orienta, desapareceram.

— *Se o aceitava cá, pois os rapazes aqui, eram maiores...*

Veio em finais de 1995. Até hoje só fugiu oito vezes!... Andando por lá, marezes de quinze dias.

Na sua busca, fiz com os rapazes noitadas medonhas, no Bairro da Bela Vista, até alta madrugada.

Anda na terceira-classe e tem quinze anos. É tão inteligente e meigo como inconstante e revoltado.

Desde Junho que não nos sobressaltava. De fazer dele um homem, começava a nascer em nós a probabilidade.

## Para amar estas feridas

### — a companhia

### de quem é mãe.

A senhora com fina intuição maternal, chamou-o para junto de si como colaborador na cozinha, e dava-lhe as mais variadas tarefas.

Para amar estas feridas não há nada que chegue à companhia de quem é mãe. Depois o apetecível odor da comida bem feita, a limpeza e a ordem exigidas neste apartamento e o à vontade com o lidar dos variados alimentos, seriam outras ajudas à cicatrização das atormentadoras chagas.

Após o jantar de domingo, as nossas carinhas levam os estudantes do 7.º ano e seguintes, ao Lar. Quase sempre conduzo um veículo cheinho de gente nova, e naquele domingo necessitava mesmo de me consolar com a companhia dos rapazes.

Ao regressar esperavam-me boas notícias: — *Um rapaz atendeu uma chamada da G.N.R. de Pegões a dizer que tinham lá dois gaiatos desta Casa e que havia informado os agentes da ordem, da nossa posição de lhes rogar que os trouxessem.*

Dois simpáticos guardas — simpáticos e colaboradores — cerca da meia-noite, conduziram num veículo da referida corporação, a nossa Casa, os humilhados fugitivos.

Os rapazes pareciam felizes de voltarem à sua Casa. Tinham tomado o banho da fuga. Experimentado a desilusão! Alguém os havia socorrido!

No tribunal, do dia seguinte, nada disseram de convincente sobre os motivos da sua fuga.

— *Que iam para ver a tia... e... pouco mais.*

Estamos sempre à espera que esta seja a última vez. Continuamos a confiar, com alguma paciência, que um dia chegue a hora da sua definitiva decisão: aceitarem esta família, vencerem a ilusão das fugas e fazerem-se aqui homens.

Senhor, se eu vir essa hora, ela será das mais felizes que eu aguardo! Amargamente!...

Padre Acílio

## Uma devoção gratificante

**A**morte do pai e da irmã do Isafas, em circunstâncias absurdas, levou-me a Lisboa. Acompanhá-lo num momento destes, para além de obrigação foi, sobretudo, uma devoção gratificante. Levei também o Sandro a quem há muito prometera visitar a campa da mãe.

Dois acontecimentos que me trouxeram à mente algumas reflexões. Já não é a primeira vez que me encontro na situação, algo embaraçosa, de ter que comunicar a um pequeno a morte de pai ou de mãe. Experimenta-se uma sensação de desconforto e alguma confusão. A reacção do outro lado é sempre imprevisível, marcada pela insegurança e desolação. Contudo, ficamos com a sensação de que há muito morreu na alma de grande parte destas crianças o amor de família. E isso é trágico.

Como pegar nestes pequenos, tão fracturados interiormente no seu encontro consigo próprios e com a sociedade...?! O drama que envolveu a morte do pai e da irmã do nosso Isafas é

# Tribuna de Coimbra

bem eloquente. E, não fora a comunicação social ficaria mergulhado no amontoado de vivências violentas que assolam os bairros periféricos das grandes cidades. Porque depois de tudo lá estão as agências funerárias e os serviços religiosos para cumprir as formalidades da praxe. Às vezes, tudo tão demasiado formal e sem alma. Fica-nos a sensação de ganhar preponderância a brutalidade dos factos descritos e vívidos; que aí estão denunciando um certo optimismo humanista.

## O sentido da vida

Do cemitério de Benfica para o do Lumiar. Grandes espaços a fazerem-nos reflectir sobre o sentido da vida Além e o modo vazio como tantos a vivem aquém... Problemas dos nossos tempos. Há uma sensação de esquecimento e frieza filtrada nos olhos dos meus dois companheiros — ambos de 13 anos e nas-

cidos em bairros diferentes, onde campeiam tantos sinais de morte e degradação humana. Faz arrepiar...! Quando se tem por certo que fazer um homem de bem não é o mesmo que criar um macho de força. E é pela força que estamos a ir...

Disse ao Sandro que *roubasse* uma flor em qualquer campa, que as havia ricas ao lado da rasa de sua mãe. Insisti e foi o companheiro dele que o levou a trazer um ramo de sécias, que ele colocou no número 79, sem alma nem sentimento. Morreu nele o amor? Não! Nem pode... Mas a tristeza tomou conta dele cedo demais e tirou-lhe o brilho do Além.

D. Lurdes era uma bondade. Mas a doença, a precariedade das condições sociais e de bens, a casa, pobre como pobre era o seu bairro, a viuvez, a magra reforma e, por fim, os filhos mais velhos de olhos sumidos... apressaram o seu passamento: — *Salve-me ao menos este...!*, gritou no leito de morte a última vez

que nos vimos. O Sandro sabe desta encomendação e estima-a, apesar daquele gesto, aparentemente, sem alma nem sentimento.

Percebo aquele enjoo do Isafas: — *Quero ir-me embora daqui...*

Celebrei Missa com aquela gente mergulhada no sofrimento. Uma menina de 12 anos sucumbira ao ignóbil... Lembrei também o pai e pedi ao Senhor perdão dos nossos pecados.

## Assim nos ajudam

Seis mil, de Vila de Pereira, quota habitual, de velho amigo. Um Vasco, de

Coimbra, com 25 mil. De Monte Real, por mão de vendedor, cheque de 15 mil. De José, Figueira da Foz, cheque de 100 mil. A presença mensal de A. Minga, no Lar de Coimbra ou em Casa — Miranda do Corvo. Mais 20 mil, de Coimbra. De Brasfemes, 5 mil. A presença habitual de sacerdote da serra, com 30 mil. Vinte e oito mil, da Paróquia de Almalaguês. A tal família de Ourém veio outra vez. Os meninos trazem prendas para os mais pequenos. Os adultos, a oferta do costume: nota de um bolso, nota de outro e ao fim a soma: cinquenta contos. O

modo de repartir é que impressiona...!

A catequese, de Lourçal, 18.347\$00. Destacamos, ainda, amigo de Cardigos com 100 mil; Malça Correia, com 70 mil; Grupo de Acólitos de S. Julião, Figueira da Foz, com 15 mil; na Casa Castelo, 12 mil; e, finalmente, a visita dos Vicentinos de Castelo Branco que trouxeram 629.500\$00, um farto almoço e a amizade de sempre.

A todos os que assim nos ajudam, Deus recompense.

Padre João

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Outubro: 71.650 exemplares.

Por esta altura, comecei a namorar e preparando a minha futura esposa para esta aventura de continuar na Obra. Um desafio ao nosso próprio amor, podia ser circular, mas que desejávamos fosse aberto... Deus estava connosco, e aplanando e iluminando o caminho... Uma opção livre e consciente, mas nada fácil.

Neste momento, em que para trás ficam 50 anos de Casa e 32 de docência e de Matrimónio, os meus sentimentos dominantes são de agradecimento e de louvor a Deus; a minha esposa comunga comigo desses mesmos sentimentos.

Aqui nasceram as nossas filhas e duas netas. Por isso, as minhas raízes a esta Casa do Gaiato são tão fortes e tão profundas que nenhuma «tempestade» as desenraizou.

Consola-nos a familiaridade de muitos rapazes, muitos dos quais já foram nossos alunos, que nos têm dado provas de verdadeira e fraterna amizade. Percorremos muitos palcos, pelas «Festas

dos Gaiatos», e em todas essas terras temos Amigos que não esquecemos e muito nos estimulam.

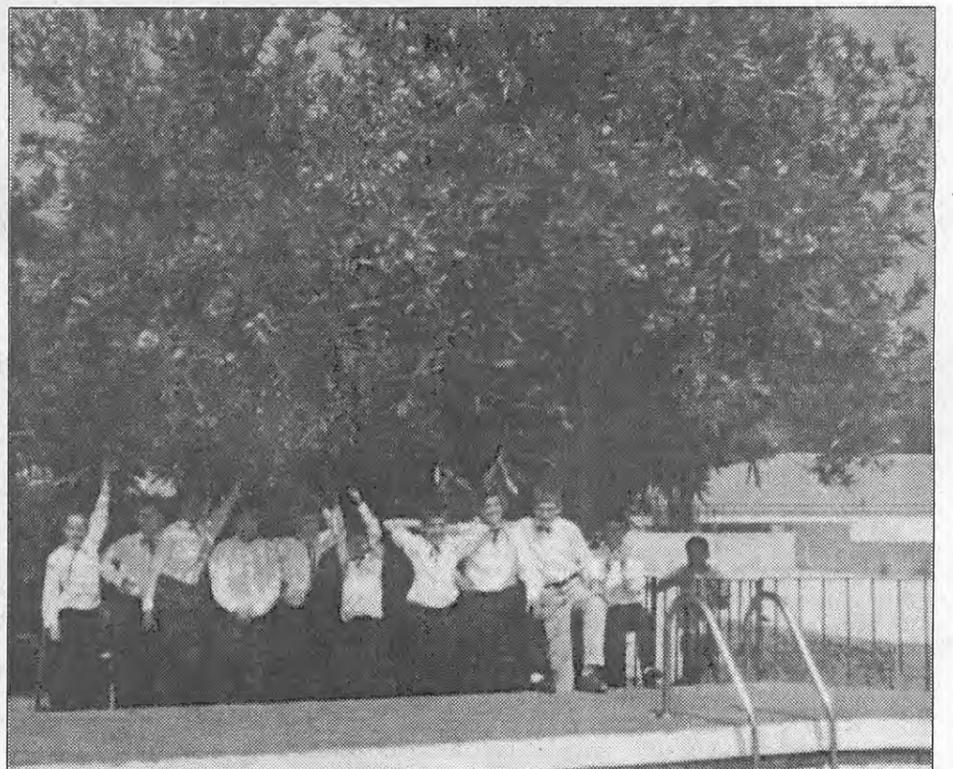
Ao querido Pai Américo, que inculcou no meu coração sementes de fidelidade, de perseverança, de amor e perdão, regadas com o Evangelho, eu quero dizer que estarei aqui, enquanto o sol se pôe... e, das minhas mãos agradecidas deposito, nas tuas, estes 50 anos, brotados do teu convite de amor.

Estas palavras de reconhecimento são extensivas ao nosso querido Padre Horácio que me guiou e acompanhou sempre, de muito perto.

A Ti, Senhor, eu peço: Sê o meu amparo, nas horas difíceis, o Caminho dos meus passos, a Verdade do que digo, a Vida que transmito.

Como no pensamento de Santo Agostinho, que eu seja o caminhaireiro que «canta e caminha»! Assim seja!

Carlos Manuel Trindade



Miranda do Corvo — Um dia grande para a alma de todos eles!

# Património dos Pobres

## Continuação da visita

FOMOS parar ao extremo do Alto Alentejo. Como já não recordávamos bem onde ficavam as moradias do Património dos Pobres, perguntámos a um agente da polícia, que amavelmente nos informou: — *Ficam no termo da povoação e agora são ocupadas por famílias ciganas. De dia andam sempre pelas feiras.*

Gostámos de saber que são ocupadas por famílias ciganas. Que eles não se sintam escoraçados em toda a parte. Têm também direito a um lugar onde possam habitar.

Partimos dali e, passados quilómetros, começámos a ver, parecia-nos, grandes bandos de pombas brancas espalhadas pela encosta do monte, tendo ao cimo o Castelo que deu nome à povoação. Eram as casas da vila, todas branquinhas. Informaram-nos que as dos Pobres eram na outra encosta. Para lá seguimos por caminho estreito e íngreme. A meio caminho encontrámos as oito habitações com aspecto de abandono. Duas delas sem família, só com algum recheio. Ficámos tristes com tal situação.

Continuámos e, a alguns quilómetros, entrámos na cidade mais próxima. Dirigimo-nos às Criaditas dos Pobres, felizes no seu ambiente, mas muito preocupadas com o viver de duas abandonadas com filhos. Tinham em seu poder diversas facturas que lhas entregaram com esperança de alguma ajuda. Assinámos um cheque que tínhamos conosco e despedimo-nos mais tranquilos.

Uma das Irmãs acompanhou-nos ao Bairro dos Pobres. Os prédios já foram vendidos aos utentes, felizes na casa que agora é sua. Participámos dessa felicidade.

Dali seguimos e, já longe, parámos em vila grande. Procurámos o pároco que nos atendeu com grande acolhimento, informando que as moradias foram vendidas aos ocupantes e, agora, estão bem tratadas. Boas notícias. Seguimos rumo a casa, onde chegámos noite dentro.

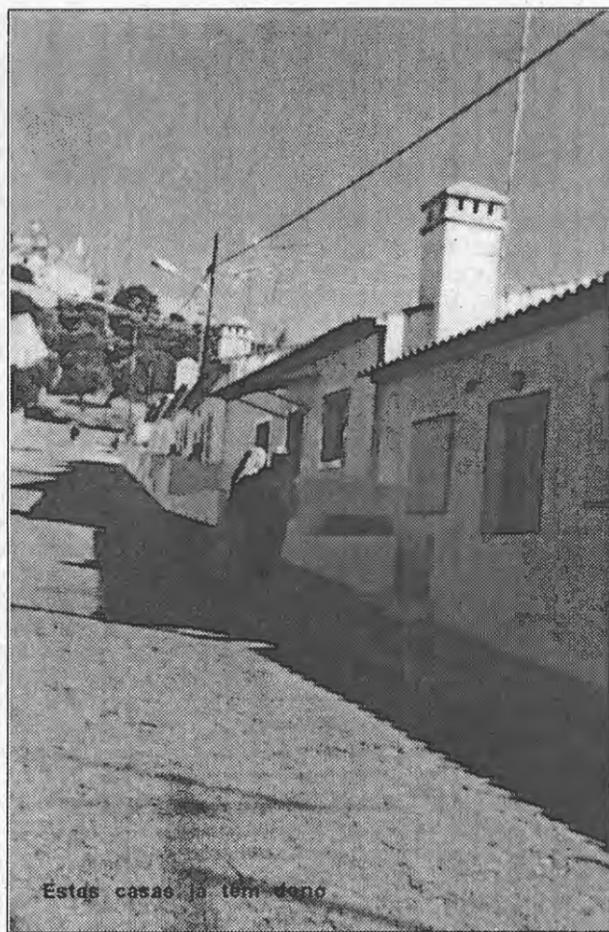
Mais provas convincentes de que vale a pena vender os prédios aos seus ocupantes, mesmo que seja por menor preço ou até só preço simbólico. É um modo de os ajudar a promover-se. Eles começam a ter dono — que são eles mesmos. Estamos ainda a saborear a alegria daquela mãe, alegria estampada no rosto: — *Só nos faltam dez contos para pagar!* Uma prova de esperança na capacidade e tranquilidade. Senti a amargura de não ter ali um cheque assinado no valor da sua aflição — para lhe entregar!

Nos últimos dias acabámos a jornada visitando um bairro que deixaram degradar. A pergunta a quem pertenciam aquelas moradias, responderam com muita prontidão: — *Foi o Padre Américo que nos deu a casa e não temos satisfações a dar a ninguém.*

Nós somos testemunhas de que foram as Conferências Vicentinas da terra que trabalharam, com outras pessoas, para que essas moradias fossem construídas e as distribuíram pelas famílias mais necessitadas. Agora as famílias são outras e as habitações, no interior e exterior, dão a impressão de total abandono e de que estão a saque.

Pai Américo procurou sempre que as casas do Património dos Pobres só fossem ocupadas por pessoas sem recursos económicos. Hoje, felizmente, os tempos mudaram e, neste campo, para melhor. No princípio, eram dadas, sobretudo, a idosos ou viúvas com filhos.

Padre Horácio



Estas casas já têm dono

## Prémio S. Francisco e Clara de Assis

### Continuação da página 1

Este Centro Franciscano dedicou toda a semana de 14 a 20 de Outubro a diversas actividades dentro do mote «*Demos aos meninos e às meninas um futuro de Paz*» (Dia Mundial da Paz), tendo Portugal ocupado um lugar de especial relevo pela sua acção no diálogo com outros povos. Na sequência da Exposição feita no Vaticano de Abril a Junho, também esta recebeu o título «*Encontro de Culturas*», tendo sido a principal promotora de todas estas actividades a Directora do Centro, Dr.<sup>a</sup> Maria Luisa Drago.

A. C.

N. da R. — Esta notícia, estes dias recebida, de um acontecimento acerca do qual não tivemos a mínima intervenção, conforta-nos pelo fervor da amizade que jorrou para que o facto fosse e também por quem nele nos acompanha, desde os Patronos do prémio aos outros premiados, tão longínquos no espaço e tão próximos na causa em que todos gastamos a vida.

Francisco e Clara de Assis são dois Amigos velhos que Pai Américo sempre estimou com especial devoção. Os nossos companheiros no prémio dão-lhe um sabor ecuménico, também ele tanto ao gosto de quantos, como Pai Américo, têm um coração universal.

Fazer o bem pelo Bem, para que o Bem envolva todos os homens, especialmente «os mais caídos, os mais abandonados», é, com certeza, fazê-lo em nome e

pelo poder do «Único que é Bom», como disse Jesus quando lhe chamaram bom a Ele — e Esse é Deus, seja qual for o nome por que O conhecem os homens que desejam sinceramente o Bem e se lhe consagram.

Como gostaria de conhecer estes dois irmãos e os seus trabalhos no Japão e no Vietnã! Mas o que sabemos desta breve notícia é já comunicação autêntica que nos fará rezar uns pelos outros, a fim de que Deus fecunde as nossas acções e as valide para que «demos aos meninos e meninas um futuro de Paz».

Esta comunicação, este conhecimento uns dos outros, alargado a quantos participaram na semana organizada pelo Centro Franciscano, não é propaganda, mas um evangélico pôr a «luz no candeeiro» para que os homens vejam e louvem a Deus pelas boas obras que faz fazer.

Infelizmente a chamada comunicação social anda tão arredada deste comunicar, que nos satura das desgraças e malfetorias, que são muitas, sim, mas não apagam nem devem ofuscar o bem que também abunda, graças a Deus.

Um bem-haja caloroso a quem promoveu a nossa presença nesta semana, ao Centro Franciscano que a acolheu e a quantos nestas acções participaram. E que o carisma de Pai Américo, vivo na Obra que gerou, tenha sido um luzeirinho da Luz a tornar mais brilhante o panorama da Esperança de que os homens precisam tanto como do pão de cada dia.

Padre Carlos

QUE há no mundo que possa encher mais a vida duma pessoa que o serviço à vida?

Compreende-se: Fomos feitos para viver e para espalhar a vida. A morte e as estruturas que levam à morte são corpos estranhos que entram na história das pessoas. A miséria, por exemplo, é indigna do ser humano. É uma injustiça. E tudo o que é injusto provoca reacções violentas, mesmo que não apareçam à superfície. Quantas vidas se consomem e destroem no silêncio, vítimas da injustiça! Tudo o que se possa fazer para retirar as pessoas da miséria, material ou moral, é um verdadeiro serviço à vida. Queremos ser servos da vida.

Este fim-de-semana andei por alguns bairros que rodeiam a nossa Casa do Gaiato. Disse, há tempos, que os primeiros sinais de chuva apareceram. A chuva traz fecundidade à terra e, também, muito medo às pessoas que vivem nos bairros suburbanos, em casas de adobes de barro, muito frágeis, sem cobertura. Mal aparece a chuva, começa a corrida dum lado para o outro, à procura de abrigo nas casas dos vizinhos. São, normalmente, mães com os filhos pequeninos, que os homens foram-se para ali e para acolá, deixando as mulheres entregues à sua sorte, até chegar a época duma nova gestação. Elas levam, em grande parte, o peso sagrado de guardar a vida, sozinhas. É uma situação anormal a pedir um serviço de educação de base, per-

## Serviço à vida!

sistente, só possível com espírito de missão, de modo a salvaguardar o valor fundamental do respeito pela vida, património sagrado destas mulheres. É um campo aberto, quase sem fronteiras, à acção generosa de educadoras cristãs.

Vejo, diante de mim, o futuro dum povo que está nas mãos de quem, agora, lhe der as mãos. Que mãos? É o campo de trigo loiro, pronto para a colheita e nova sementeira. É verdade! É preciso encher os espaços humanos vazios com pessoas que venham para ficar e para amar, gerando localmente, vida nova. Trata-se duma ajuda necessária, agora, para mostrar às pessoas razões para viver dignamente. É que a desmotivação ganhou terreno de tal forma que, no campo social, em tarefas nobres, perdeu-se o sentido do compromisso, em boa parte. Há que renovar. Há que reconstruir.

### E respeito pela vida

A propósito do serviço à vida, aconteceu, no sábado passado, a minha ida

a casa duma nossa trabalhadora. Era já ao anoitecer. As ruas, nestes bairros, são um autêntico labirinto. Alguns rapazes foram comigo. Acontece, normalmente, quando saio para estas visitas, que sempre me acompanham. Levava chapas de *lusalite* para cobrir a casa onde vive. Apareci, de surpresa. Que vi? Dum quatinho, com chapas esburacadas, saíram outras mães. No chão, em cima duma esteira, um bebé nascido na véspera. Tão lindo que era!

— Que estais aqui a fazer?, perguntei.  
— *Vimos pegar no bebé ao colo*, responderam.

Erão mães que foram celebrar a festa da vida, à sua maneira. Nestes pormenores, tão pequeninos, admiramos o respeito pela vida. Souberam do nascimento do filho e foram pegar nele ao colo. Que riqueza a deste povo! Que fizemos nós? Deixámos as chapas de *lusalite* para que a vida não morra. Há outros caminhos de serviço à vida que desejamos percorrer. Este é um deles!

Padre Manuel António

## MALANJE

### Vivermos como e com os mais pobres

O bairro é uma sementeira de casas de adobes, quintais e becos. Ruas são becos aos ziguezagues. Foi nele que conheci as Irmãs, Filhas de S. José, numa casota pobre, onde uma delas tentava dar leite a um bebé — só ossinhos! — a querer morrer... Morreu no dia seguinte.

Notei que as Irmãs se tinham virado para uma avó cega. Pobres são como as cerejas: puxa-se uma e sai magote!

Igreja que não desce ao bairro sem ruas, às casotas sem água e luz? Muita dúvida.

Numa Diocese do México, quando os mais pobres viram que o seu Bispo «*caminhava na lama, tomava banho e lavava a sua roupa no rio*» — quiseram-no muito e tomaram-no como seu.

Vivermos como e com os mais pobres, mesmo que seja nos becos dos musseques. Se não o fizermos, o Senhor ficará

enjoado em nossas Capelas bonitinhas e enceradas. Vale.

### O nosso amigo soba

O soba Mueruba regressou ao Bambi. Conheci o seu pai em 1966, sentado na cadeira com o seu cachimbo, ar bonacheirão e feliz. Tinha zona para o pastoreio dos bois. Todos o respeitavam e o queriam.

Vieram depois os dias tristes duma guerra sem fim... E tudo — campos, bois, respeito e amor — se perdeu.

Como todos nós, o seu filho Joaquim Mueruba refugiou-se em Malanje nos dias mais longos e sofridos.

Pouco depois de regressarmos à nossa Casa do Gaiato, o velho Joaquim veio com o seu povo instalar-se na antiga sanzala em casas provisórias de capim. Como portas: uma tábuca, uma chapa e, na casa do nosso soba, o ferrugento guarda-lamas dum tractor.

Quase que inaugurávamos a carpintaria nova na feitura das portas do nosso amigo soba. Fizemo-lo com alegria e com a unção dum ritual.

Padre Telmo